

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

3. O dom do Espírito

por Luigi Giussani*

A EXPERIÊNCIA DO DIVINO

«Por agora não podeis compreender. Quando vier o Espírito, Ele vos ensinará e vos persuadirá de tudo o que vos quero dizer»²⁹. Os Apóstolos tinham-se deparado com uma realidade excepcional, fascinante, profundamente persuasiva, e aceitavam-na. Mas não se davam totalmente conta do que era. Conservavam e respeitavam as Suas palavras, mas davam-lhes a medida da sua conceção das coisas, sem supor o que elas encerravam. Repetiam as definições que Ele dava de Si sem fazerem eco do seu mistério exato.

São Paulo faz uma comparação lúcida. O animal apercebe-se da presença do homem e reage ao seu comportamento e aos seus gestos. Mas não apreende a realidade subjacente nelas, fica à margem da realidade que eles manifestam: não «compreende». Ao animal falta a sonda para penetrar no abismo do pensamento e do amor, falta o instrumento adequado para captar a mensagem de um mundo diferente: ao animal falta o «espírito» humano. Por isso lhe é estranho, ainda que se enrosque aos seus pés, se encoste às suas pernas ou lhe lamba as mãos: falta-lhe a conaturalidade com o homem. «Assim também – conclui São Paulo – a realidade divina ninguém a pode conhecer, a não ser o Espírito de Deus»³⁰. Só encontrou verdadeiramente Cristo quem possui o Seu Espírito: «Quem não tem o Espírito de Cristo não é dos seus»³¹, ou seja, é um estranho, incapaz de surpreender a Sua feitura íntima, a Sua natureza secreta, ou de se familiarizar com o Seu mistério.

Sem o acontecimento do Seu Espírito, o homem pode embater em Cristo como numa grande figura, a figura de um homem excepcional, avessa a qualquer redução categórica, porventura estranha, irresistivelmente persuasiva para a expectativa comum dos simples, entusiasmante para a frescura enérgica dos homens apaixonados pela justiça, perigosíssima para as estruturas responsáveis de uma ordem estabelecida: Ele foi tudo isto para os seus contemporâneos. Ou, então, talvez tão grande que parece um mito comovente e dramático: e Ele pode ser isto para o desespero cético do homem de hoje. Mas, sem o acontecimento do Seu Espírito, o homem – os Apóstolos ou nós – permanece no limiar obscuro destas perspectivas: para o homem, Cristo continua a ser um rosto enigmático e misterioso.

Sem o acontecimento do Seu Espírito, Ele fica como mais uma advertência para a dolorosa espera humana, que sobressai intensamente na floresta das outras vozes, mas a chave de leitura continua ainda no ambíguo limite do coração, no melancólico limite do pensamento do homem.

Deste modo, Cristo seria um novo objeto a abordar, um novo risco a correr cegamente, e não um critério *novo*, uma *outra* luz, *nova* enfim; porque toda a existência consciente nos grita que o sentido desta nossa terra está para além do nosso horizonte. »

²⁹ Cf. Jo 16,12-13.

³⁰ Cf. 1Cor 2,11.

³¹ Rm 8,9.

* «Passos de experiência cristã» em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 97-107.

» Assim, o encontro com Cristo permaneceria na estreiteza da experiência meramente humana. E a visão da realidade – a nossa cultura – ficaria condenada a perder-se no enigma do ser e do destino, não liberta da sua impotência, não «redimida».

Mas um dia «factus est repente de coelo sonus tamquam advenientis spiritus vehementis ubi erant sedentes,... et repleti sunt omnes Spiritu Sancto»³².

Então, de repente, eles perceberam quem era aquele Homem que tinham seguido.

A experiência do seu encontro com aquele Homem, da sua longa convivência com Ele – apaixonada, ansiosa, incerta – de repente plasma-se numa outra experiência, absolutamente imprevista, desconcertante: a experiência da realidade divina, o encontro, a convivência, luminosa, segura, forte com Deus.

Cristo tão presente, tão concreto para nós, um de nós, é ao mesmo tempo esse «além» que resolve o enigma da existência. Cristo é o sentido da história e o Senhor do universo. Cristo é o ponto de vista que explica todas as coisas. A experiência do Pentecostes constitui o acontecimento da *cultura cristã*: a descoberta definitiva da «luz verdadeira que ilumina cada homem que vem a este mundo»³³.

O primeiro gesto que os *Actos dos Apóstolos* recordam é a primeira grande afirmação desta nova cultura, desta nova e definitiva visão da realidade «não revelada pela carne e pelo sangue, mas pelo Pai que gera todas as coisas»³⁴. De facto, imediatamente, à frente de gente vinda de todas as partes do mundo de então, Pedro anuncia a descoberta de Cristo como o ponto de viragem do desígnio de Deus. É o grito incansável desta consciência, é o grande testemunho que se propaga no mundo a partir de cada palavra da primeira pregação cristã.

Toda a experiência humana é iluminada pelo ponto de vista de Deus. É o anúncio do critério definitivo da verdade: o acontecimento da cultura definitiva.

A EXPERIÊNCIA DO DOM

A comunicação do Espírito de Deus chama-se na Liturgia «*donum Dei Altissimi*». Não é uma percepção humana, uma conquista humana. Não é, sequer, uma previsão humana nem, muito menos, um direito humano: é puro *dom*.

Assim, o Espírito de Deus em nós é um acontecimento puro, uma surpresa total: um dom absoluto.

Só há uma comparação possível: a gratuidade abissal do nosso próprio ser, da nossa própria existência.

Mas uma coisa cujo significado não nos fosse dado não seria dom; e nós não reconheceríamos a vida e o universo como dom se não esperássemos a revelação do seu sentido.

Assim, o Espírito do Pentecostes é o Dom por excelência, porque é por meio d'Ele que somos irresistivelmente atraídos para dentro mistério de Cristo, introduzidos na experiência daquela pessoa que explica e resolve toda a nossa realidade. «*Fides mundi lumen*» (A fé é a luz do mundo. *nt*). No acontecimento deste Dom a solidão humana desfaz-se. A experiência humana deixa de ser uma experiência de impotência desoladora, para passar a ser a experiência de uma consciência e de uma capacidade enérgica, tal como é indicado pelo fogo que foi sinal da vinda do Espírito: «*fortiter et suaviter*»³⁵.

A escuridão temerosa da consciência dos Apóstolos transforma-se numa lucidez corajosa (vejam-se os seus primeiros confrontos com as autoridades religiosas e civis). »

³² *Vulgata*, Act 2,2.4.: «De repente, no local em que se achavam reunidos, fez-se ouvir do Céu um som como que de um vento forte a aproximar-se... e ficaram todos cheios do Espírito Santo».

³³ Jo 1,9.

³⁴ Cf. Mt 16,17; Jo 1,13.

³⁵ «Com força e suavidade», *Vulgata*, Sab 8,1; cf. tb. Act 2, 3ss.

» A existência transforma-se numa imensa certeza: «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé»³⁶.

Eles já não estão sós, experimentam a promessa de Cristo: «Não vos deixarei órfãos»³⁷.

O homem, na verdade, já não está sozinho porque doravante o grito mais verdadeiro da luta da existência é o de São Paulo: «Tudo agora eu posso, n' Aquele que me sustenta»³⁸. Não é o homem que perde as suas limitações e as suas enfermidades, é um Outro que acompanha o homem, «como gigante no caminho»³⁹. Uma nova existência se concretiza e, na fonte desta «nova criatura» que nasce nas frágeis veias humanas, insere-se misteriosamente o ímpeto irresistível da presença de Deus. A força do homem é Outro, a certeza do homem é Outro: a existência é um diálogo profundo, a solidão é abolida na própria raiz de cada momento da vida. Existir é ser amado, definitivamente – «Ele é fiel ao Seu amor» –, e abandonar-se a este amor definitivamente: «Para mim, viver é Cristo»⁴⁰.

A existência humana é uma amizade inesgotável e onipotente.

A COMUNIDADE NOVA

A solidão, tal como a descrevemos, aproxima o homem dos outros, e une-o a eles na experiência universal da necessidade. A comunidade que daqui surge é como que a única experiência de abrigo, de doçura passageira, de segurança firme para gente perdida.

As tentativas para remediar tudo o que sentimos que nos falta são um trabalho ansioso, de resultados ambíguos e frágeis, que cada geração sente o tormento de denunciar e de mudar, quando, como frequentemente sucede, «a ira do seu vão procurar»⁴¹ leva o homem a imprudentes impaciências, a violências amargas, a trágicas presunções. A civilização humana cria, assim, comunidades com laços tão precários e ilusórios que parecem ciladas em vez de pistas para o caminho real.

A superação da solidão na experiência do Espírito de Cristo não aproxima o homem dos outros, antes o abre a eles de par em par do fundo do seu ser.

A verdadeira vida do homem, o sentido da existência de cada um é Cristo: a vida e o sentido de todos é uma só realidade. «Eu sou a videira, vós os ramos»⁴². A comunidade torna-se essencial para a própria vida de cada um. A solidariedade humana torna-se Igreja. O «nós» torna-se plenitude do «eu», lei da realização do «eu». «Sabemos, irmãos, que passámos da morte à vida porque amamos os irmãos»⁴³, escreve São João aos primeiros cristãos.

Uma unidade tão absolutamente imprevisível como indissolúvel faz da Igreja a redenção da comunidade humana, o ideal da comunidade tornado realidade. «Que todos sejam um só. Como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles sejam um em nós para que o mundo creia que Tu me enviaste»⁴⁴.

A certeza do caminho e a força do Espírito animador geram em tal comunidade uma consciencialização sem descanso («tereis de prestar contas de toda a palavra ociosa»⁴⁵), uma laboriosidade indomável (meditar novamente a parábola dos talentos), em que é óbvia a dedicação até à morte («O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas»⁴⁶). Uma fecundidade e »

³⁶ Jo 5,4.

³⁷ Jo 14,18.

³⁸ Fl 4,13.

³⁹ Cf. Sl 19(18), 6.

⁴⁰ Fl 1,21.

⁴¹ G. Pascoli, «Il Libro», de Primi Poemetti, in *Poesie*, Milão, Garzanti, 1994, p. 329.

⁴² Jo 15,5.

⁴³ 1Jo 3,14.

⁴⁴ Jo 17,21

⁴⁵ Cf. Mt 12,36.

⁴⁶ Jo 10,11.

» uma intensidade de obras e uma ordem íntima urgem do mais profundo da vida da comunidade nascida do acontecimento do Espírito Santo: «Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há-de julgar os vivos e os mortos, peço-te encarecidamente, pela sua vinda e pelo seu Reino: proclama a palavra, insiste em tempo propício e fora dele, convence, repreende, exorta com toda a compreensão e competência»⁴⁷.

Esta vigilante paixão pelo tempo, pelas coisas, pelas pessoas, cria uma nova convivência dos homens entre eles e com as coisas. *A comunidade cristã inexoravelmente cria uma nova civilização.*

E quanto mais precisa for a fidelidade ao Espírito de Cristo, mais as tramas do tecido desta civilização serão experimentadas como caminhos ideais e definitivos.

O encontro com qualquer comunidade cristã que procure decididamente viver em nome de Cristo, realiza inevitavelmente uma forma de convivência, um clima e um ritmo humano tão diferentes do habitual, que não pode deixar de impressionar quem a observa, como qualquer coisa de novo, de estranho e desconcertante enquanto ideal humano.

AUTORIDADE ÚNICA

A autoridade suprema é aquela em que encontramos o sentido de toda a nossa existência: Jesus Cristo é esta autoridade suprema e é o Seu Espírito que no-lo faz perceber, abrindo-nos à fé nele e à fidelidade à Sua pessoa.

«Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós»⁴⁸: os Apóstolos e os seus sucessores (Papa e Bispos) constituem, na história, a continuidade viva da autoridade que é Cristo. Com a sua dinâmica sucessão na história e a sua multiplicação no mundo, o mistério de Cristo é proposto sem parar, esclarecido sem erros, defendido sem compromissos. Eles constituem, assim, o lugar onde a humanidade pode ir buscar o verdadeiro sentido da sua existência, com profundidade crescente, como a uma fonte segura e continuamente renovada.

Eles são para o anúncio da resposta aquilo que o génio é para o grito da necessidade humana, aquilo que o profeta é para o grito da espera humana. Mas assim como a resposta verdadeira é sempre incomparavelmente precisa e concreta relativamente à expectativa – inevitavelmente vaga ou sujeita a ilusões – também eles são como rocha definitiva e segura: infalível. «... Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»⁴⁹.

A sua autoridade não só constitui o critério seguro para essa visão do universo e da história, a única que explica totalmente o seu significado, mas é também estímulo vivo e tenaz para uma verdadeira cultura, é sugestão incansável de uma visão total, condenação inexorável de toda a exaltação do particular e de toda a idealização do contingente, ou seja, de todo o erro e de toda a idolatria. A sua autoridade é, por conseguinte, a guia suprema no caminho rumo a uma genuína convivência humana, rumo à *verdadeira civilização*.

Quando essa autoridade não é viva e vigilante, ou quando é combatida, o caminho humano complica-se, torna-se ambíguo, altera-se, desvia-se para o desastre, ainda que o seu aspeto exterior pareça forte, florido, ou extremamente sagaz como hoje em dia. Quando essa autoridade é ativa e respeitada, o caminho da história renova-se com segurança e equilíbrio rumo a aventuras mais profundas de humanidade genuína, ainda que as técnicas de expressão e de convivência sejam rudes e duras.

Convém sublinhar uma observação importante. Foi o dom do Espírito que tornou eviden- »

⁴⁷ 2Tm 4,1-2

⁴⁸ Cf. Jo 20,21.

⁴⁹ Mt 16,18.

» te para os Apóstolos o valor de Cristo como «Caminho, Verdade e Vida»⁵⁰, e foi isso que lhes possibilitou aquele abandono consciente e luminoso que está na origem da irresistível coragem e da veemente segurança com que afirmaram o seu Mestre diante da cultura e da civilização de então.

Ainda hoje é o dom do Espírito Santo que permite descobrir o significado profundo da Autoridade Eclesiástica como diretiva suprema para o caminho humano. É aqui que nasce aquele abandono último, aquela obediência conscientíssima a essa autoridade e, por isso, ela já não é o lugar da Lei mas o lugar do Amor. Fora do influxo do Espírito não se pode compreender a experiência dessa devoção definitiva que liga o «fiel» à Autoridade, devoção que muitas vezes se afirma na Cruz da mortificação de uma genialidade ou um plano de vida pessoal exuberantes.

De tudo o que meditámos antes, podemos ainda dizer que, sem o dom do Espírito, o homem não sabe reconhecer os mestres de verdadeira civilização, e a humanidade não encontra a força ou a sabedoria necessárias para construir um caminho unitário, equilibrado e luminoso.

«PAI NOSSO»

O fruto supremo de toda esta renovação trazida pelo dom imprevisível do Espírito Santo é uma nova palavra e um novo gesto de que o homem se torna capaz.

A palavra e o gesto são a expressão do modo como o homem vê, sente, encara, se compromete com a realidade.

A premência das necessidades humanas, as incansáveis tentativas para as satisfazer, a inevitável e intolerável perplexidade final, tudo isto inspira, dá forma e continuamente suscita o clamor da palavra humana ou o compromisso do gesto humano: clamor e compromisso tão necessários à natureza como incertos e indefinidos nos seus contornos, se a violência não lhes der, além disso, a fixação ou a mórbida obstinação da loucura. O homem tende e atende, mas nem sabe o quê. O dom do Espírito e a descoberta e aceitação de Cristo como centro de todas as coisas conferem finalmente ao compromisso do homem – à palavra e ao gesto – termos definitivos, uma consciência que satisfaz a disposição da razão e realiza a condição para uma liberdade plena, para um objeto preciso e sem ambiguidades.

A oração cristã é o grito novo, a «palavra redimida». «Nós não sabemos o que havemos de pedir: é o Espírito Santo que nos sugere... e nos faz gritar “Abba, Pai”»⁵¹.

A observação de São Paulo recorda esse excelente documento humano e cristão que é a primeira parte do capítulo XI de São Lucas: «Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos”. Disse-lhes Ele: “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixes cair em tentação”.

Disse-lhes ainda: “Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer’, e se ele responder lá de dentro: ‘Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar’, Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á devido à impertinência dele e dar-lhe-á tudo quanto precisar. Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á. Qual o pai de entre vós que, se um filho lhe »

⁵⁰ Jo 14,6.

⁵¹ Cf. Rm 8,15.26.

» pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!»⁵².

A aspiração do homem traduz-se num «tu» pessoal, conhecido e concreto como o «tu» de uma mãe, num pedido claro, exaustivo, com plena consciência da relação existente entre os termos do diálogo: «Pai nosso... venha o teu Reino... perdoa as nossas ofensas... livra-nos do mal»⁵³. «Ninguém pode dizer: “Senhor Jesus” senão no Espírito Santo»⁵⁴.

E a redenção do gesto é o *Sacramento*.

Com ele, o compromisso existencial já não corre o profundo perigo de se inebriar ou de perverter o rumo, na tentativa de alcançar a realidade genuína por meio da dedicação à aparência das coisas. No gesto do Sacramento, o sinal sensível que compromete o homem condu-lo com infável segurança a tocar a realidade divina. Daí que nenhum gesto humano realize com tão tranquila plenitude essa espera que impele o homem à ação.

Há uma consequência maravilhosa desta redenção da palavra e do gesto humano e é que a dimensão comunitária nasce no próprio coração da palavra nova e do gesto novo, da oração ou do sacramento. De modo que não pode haver um verdadeiro pedido a Deus ou um compromisso autêntico com Ele que não estejam, ao menos implicitamente, abertos a toda a comunidade do Seu Reino. A abertura comunitária determina a verdade da palavra e a justiça do gesto do indivíduo. «Quando orardes, orai assim: Pai nosso, venha o teu Reino». «Todos nós somos uma coisa só pois participamos do mesmo pão»⁵⁵.

A impotência para sermos felizes constitui, no nosso caminho comum, a sugestão mais aguda para que vivamos juntos; mas a revelação de que a felicidade de cada um é uma Realidade comum a todos faz-nos descobrir, muito mais profundamente, que somos uma coisa só: «*idem spiritus... idem Dominus... idem Deus*» («O mesmo Espírito, o mesmo Senhor, o mesmo Deus» *nt*).

A *liturgia* é a expressão mais elevada da novidade de oração e de gesto de que o Espírito Santo torna capaz o homem.

Ela origina a forma suprema da comunidade terrena, em que o indivíduo é valorizado em toda a sua plenitude precisamente ao aceitar a comunhão universal dos filhos de Deus, e em que até a natureza material – tempo e coisas – é assumida na unidade de um gesto que representa realmente o início dessa redenção da própria natureza física de nos fala que São Paulo: «Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores do parto até ao presente»⁵⁶.

Em virtude desta sua plenitude, a liturgia é o único lugar de genuína e completa educação para receber o Espírito Santo e para seguir a sua ação transformadora.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁵² Lc 11,1-13.

⁵³ Mt 6,9-10.

⁵⁴ 1 Cor 12,3.

⁵⁵ Cf. Lc 11,2; 1 Cor 10-17.

⁵⁶ Rm 8,22.